

## Silva Paranhos e as origens de um Paraguai Pós-López (1869)\*

*Thomas Whigham\*\**

---

**Resumo.** Os objetivos das potências aliadas durante a Guerra da Tríplice Aliança de 1864-1870 incluíram não apenas a derrota e a expulsão do presidente paraguaio Francisco Solano López, mas também a organização de um novo governo em Assunção. Em 1869, quando a capital paraguaia foi tomada, este objetivo parecia estar próximo. Entretanto, a construção de um novo governo demonstrou várias complicações e com a participação ativa (e orientação) de José da Silva Paranhos, o Ministro de Relações Exteriores do Brasil, os resultados não foram os melhores. Muitos paraguaios seguiram sendo leais a Solano López e o novo regime provisório de Paranhos que havia se instalado enfrentou uma série de problemas que não poderia ser resolvido a curto prazo.

**Palavras-chave:** Paraguai; Tríplice Aliança; Silva Paranhos.

## Silva Paranhos and the Origins of Paraguay Post-Lopez (1869)

**Abstract.** The war aims of the Allied powers during the 1864-1870 Triple Alliance War included not only the defeat and expulsion of the Paraguayan president Francisco Solano López, they also included his replacement by a new government in Asunción. By 1869, when the Paraguayan capital fell, this objective appeared to be within sight. But the construction of a new government proved a complex matter and, even with the active participation (and guidance) of Brazilian Foreign Minister José Maria da Silva Paranhos, the results were no better than tentative. Many Paraguayans remained loyal to Solano López and the new provisional regime that Paranhos installed was plagued with problems it could never hope to solve in the short term.

**Keywords:** Paraguay; Triple Alliance; Silva Paranhos.

---

\* Artigo recebido em 03/06/2015. Aprovado em 24/08/2015.

\*\* Professor da Georgia University, EUA. E-mail: [twhigham@uga.edu](mailto:twhigham@uga.edu). Tradução de José Osvaldo Sampaio Bueno. E-mail: [buenaarum@yahoo.com.br](mailto:buenaarum@yahoo.com.br)

## Silva Paranhos y las orígenes del Paraguay post-Lopez (1869)

**Resumen.** Los objetivos de las potencias aliadas durante la Guerra de la Triple Alianza de 1864-1870 incluyeron no solamente la derrota y la expulsión del presidente paraguayo Francisco Solano López, sino también su remplacamiento por un nuevo gobierno en Asunción. En 1869, cuando cayó la capital paraguaya, este objetivo parecía estar a la vista. Pero la construcción de un nuevo gobierno demostró varias complicaciones y, aún con la activa participación (y orientación) de José Maria da Silva Paranhos, el Ministro de Relaciones Exteriores del Brasil, los resultados no fueron mejores que tentativos. Muchos paraguayos siguieron siendo leales a Solano López y el nuevo régimen provisorio que Paranhos instaló estaba plagado de problemas que nunca podría aspirar a resolver a corto plazo.

**Palabras clave:** Paraguay; Triple Alianza; Silva Paranhos.

---

A Guerra da Tríplice Aliança é normalmente tratada como um conflito extremamente destrutivo de todos os lados. Essa caracterização é justificada em muitos níveis. A estabilidade política que o Imperador Pedro II tinha construído no Brasil foi seriamente ameaçada pelo segmento militar, moldado necessariamente pela guerra. Os argentinos viram o seu país dividido por uma série de conflitos civis que tiveram suas origens na guerra. E o Paraguai, que tinha apostado tudo na infeliz campanha de Francisco Solano López de reparar disputas na região, colocou-se em uma trajetória desastrosa que causou a perda de aproximadamente 70 por cento de sua população. Esta penosa lista, todavia, só nos pode ajudar até certo ponto a compreender o que aconteceu com aqueles homens e mulheres que sobreviveram ao combate. As batalhas, a perda de vidas e de recursos, o dispêndio com montantes que poderiam ter promovido desenvolvimento econômico — todos esses fatores desempenharam papel importante, mas não contam a história toda. Para alguns indivíduos, a guerra exteriorizou seus impulsos criativos e nas mais adversas circunstâncias, eles dominaram o cenário.

Um desses homens foi José Maria da Silva Paranhos (1819-1880), muito possivelmente o diplomata mais hábil que o Segundo Império produziu. Paranhos tinha desenvolvido uma longa carreira no Serviço de Relações Exteriores, antes do confronto paraguaio. Havia elaborado a política do Império para o Prata, no início dos anos 1860, e quando essa política fez com que o Marechal López capturasse o navio a vapor Marquês de Olinda e invadisse tanto a província brasileira de Mato Grosso como a argentina de Corrientes, o Conselheiro Paranhos negociou o Tratado da Tríplice Aliança, de maio de 1865. Ele, então, embarcou em uma série de destacamentos burocráticos no Rio de Janeiro, enquanto os exércitos do marechal desafiavam os dos Aliados nos campos de batalha.

O entusiasmo inicial demonstrado pelo povo paraguaio nas grandes batalhas de Tuiuti, Curuzú e Curupaiti cedeu lugar à preocupante revelação de que a guerra não poderia ser ganha. Mas López, talvez o homem mais teimoso em uma sociedade de pessoas teimosas, recusou-se a abandonar a luta, não obstante uma “oportunidade de ouro” ofertada pelos Aliados. Ele continuou lutando mesmo após o Marquês de Caxias ter destruído o Exército Paraguai regular, em dezembro de 1868. Continuou lutando quando a sua capital caiu um mês depois. E continuou lutando, embora seu “exército” agora fosse composto de crianças.

Como comandante dos aliados, Caxias acreditava que a tomada de Assunção significava o término da guerra, partindo do princípio que suas tropas iriam agora perseguir o “louco” do Marechal como um criminoso comum. O próprio Marquês sentia-se cansado, e sem receber ordem alguma, abandonou seu cargo e regressou para o Rio de Janeiro. Caxias deixou tudo para trás em confusão para que Paranhos consertasse. O Conselheiro já havia acumulado considerável poder como Ministro Brasileiro das Relações Exteriores e o destino do “novo” Paraguai dependia dele. Embora fosse Conservador e

Maçom como Caxias, Paranhos ficou perplexo pela maneira como o Marquês tinha partido da zona de combate e, como Dom Pedro, preocupou-se com o que esse ato poderia prenunciar. Poderia ocorrer um vácuo de poder na liderança dos Aliados? Como a ocupação poderia ser concebida de modo a trazer uma paz duradoura?

Um novo comandante militar foi rapidamente escolhido entre os Aliados: o Conde d'Eu, genro do Imperador. Foi ele, e não Caxias, quem perseguiria López pelas montanhas do país adentro. Mas montar um novo governo paraguaio, isso ele deixou aos cuidados de Paranhos. O Conselheiro era digno de confiança para manter os interesses do Império enquanto montava um novo regime proveniente de várias facções. O Conde não invejava o Conselheiro nessa tarefa — combater López era comparativamente fácil; estabilizar o Paraguai, isso seria uma tarefa ingrata e quase impossível.

## 1 A Missão a cumprir

Paranhos certamente tinha experiência. Tinha promovido os interesses brasileiros na Banda Oriental em 1863-64 e entendia de políticas regionais, mas o Paraguai era muito mais problemático. Ele teria que se envolver muito mais diretamente em algo a que uma geração de políticos mais tarde chamaria de “nation-building”, construir nações. Paranhos já havia adquirido fama como um negociador polido, estabelecendo uma série de acordos entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires.<sup>1</sup> Agora, teria que aplicar a mesma perícia a um desafio bem maior.

Para o Conselheiro, a Tríplice Aliança consistia de um poder dominante - o Brasil - e dois estados subsidiários - a Argentina e o Uruguai - ambos os quais precisavam compreender o seu lugar no mundo em

---

<sup>1</sup> Vide notas de Paranhos, Rio de Janeiro, 23 Jan. 1869, em Archivo Nacional de Asunción, Colección Rio Branco, I-30, I-30, 25, 41, no. 2 e em Carlos Oneto y Viana (1903, p. 235-245 e passim).

transformação. 1869 não era 1865. O aliado uruguaio do Imperador, Venâncio Flores, estava morto e o governo em Buenos Aires, embora ansioso por assegurar suas reivindicações territoriais, tinha agora um mero interesse formal nas vantagens políticas da aliança. Os Aliados tinham forçado o Marechal López para o interior do Paraguai, deixando os brasileiros em uma posição de superioridade em toda a parte. Em questões de formulação política, Paranhos considerava ser crucial não renunciar à supremacia em troca de um ideal equivocado. A negociação, como o princípio base que havia definido sua diplomacia precisava se desenvolver de forma a que o Paraguai pós-guerra agisse de acordo com os ditames do Brasil. A missão de Paranhos era conseguir este objetivo a baixo custo, sem ofender os nacionalistas inflexíveis na Argentina.

Tal como seus descendentes em espírito, que se encontram hoje no Palácio Itamaraty, o Conselheiro preferiu obter resultados por meios honestos ou transparentes. Não tinha qualquer desejo de contaminar o ambiente. Mas também reconhecia que a autoridade que retinha - ou aparentava reter - poderia oferecer oportunidades para todos os interessados. Ele poderia usá-la para reconciliar as facções paraguaias conflitantes (cujas reivindicações pelo poder, naquele momento, eram ilusórias). Também poderia eliminar qualquer tentativa dos argentinos de favorecer os interesses de seus candidatos preferidos (e frustrar suas inclinações anexionistas).<sup>2</sup> Acima de tudo, Paranhos poderia forçar todos os participantes, exceto López, a aceitar a inevitável transição para um Paraguai dependente.

Paranhos aportou em Assunção quando o tempo quente começou a despontar, em 20 de fevereiro. Aparentemente, isso era um bom sinal. Nada o

---

<sup>2</sup> “Crônica” Ba-Ta-Clan (Rio de Janeiro), 5 Abr. 1869. Muitos argentinos e não poucos membros da Legión Paraguaya tinham preferido elevar o General Juan Andrés Gelly y Obes a chefe de estado no Paraguai. O pai dele tinha nascido no país e, nos anos 1840, teve o cargo de ministro no governo de Carlos Antonio López. Vide [José Segundo (?)] Decoud, “El general Gelly y Obes”. *El Liberal* (Corrientes), 8 Jan. 1869.

teria preparado, contudo, para a desabrida indisciplina das tropas de ocupação e o grande número de partidos interessados que afirmavam falar em nome do Paraguai. Ele desejava implementar as mudanças necessárias sem perda de tempo, mas isso não seria fácil. Tal como Sarmiento, o presidente argentino, já havia observado, a “prorrogação indefinida da guerra nos deixa de mãos atadas. Existe algum país chamado Paraguai? Esse país tem habitantes do sexo masculino? Pode um governo paraguaio ser organizado? Onde? Quando? Com que homens? Para governar quem?”<sup>3</sup>. Por ser um civil, navegando nas águas de um ambiente altamente militarizado, Paranhos encontrou dificuldade em responder essas questões. Contudo, ele era geralmente considerado a única pessoa capaz de romper através do atoleiro da ambição, incompetência e cobiça que passava a administração na capital ocupada.

Lançou-se ao trabalho imediatamente, estabelecendo a sua marca de eficiência. Era incansável, e, em breve, todos na cidade se acostumaram a pensar nele, como o verdadeiro Vice-rei do Paraguai. Reuniu-se com comandantes militares da Aliança, com líderes exilados recém-chegados de Buenos Aires e da Europa, com autoridades consulares estrangeiras e com representantes dos comerciantes que acabavam de chegar. Identificou os exilados paraguaios merecedores de serem discretamente cultivados e, tentou negociar com deslocados que agora migravam para a cidade em número crescente.<sup>4</sup> Alguns desses refugiados eram vítimas inocentes dos caprichos do Marechal. Outros eram espões. Muitos eram catadores subnutridos em busca do que os saqueadores pudessem ter deixado para trás.

---

<sup>3</sup> De Sarmiento para Emilio Mitre, Buenos Aires (?), 21 Jan. 1869, em Domingo Faustino Sarmiento, Obras, 50, p. 126-128.

<sup>4</sup> A edição de 7 de março de 1869 do *The Standard* (Buenos Aires) relatou: “Os homens de López, em muitos lugares, abandonaram a causa, e diariamente afluem para a capital; e sobre as pessoas pobres que de vez em quando fogem das montanhas, é sabido que o sentimento geral da população sofrida daquelas terras arruinadas é o de se livrar de López e regressar para suas casas.” Mas esta observação fica aquém da realidade porque muitos dos refugiados vindos do interior não estavam fugindo do Marechal, mas da incerteza de suas circunstâncias. De qualquer forma, nem Paranhos nem o exército de ocupação tinham muito para lhes oferecer.

A opinião dos brasileiros sobre os paraguaios liberais, os anti-Lopistas e os supostos ex-Lopistas era uma mistura de apreço e do desejo pragmático de encontrar uma facção que pudesse se alinhar. Paranhos era mais realista do que seus colegas no Rio de Janeiro que pensavam que seria fácil formar um grupo maleável de colaboradores. Ao lidar com os paraguaios, os outros brasileiros tinham sempre preferido a força, mesmo quando era possível alcançar seus objetivos através da diplomacia. O Conselheiro queria encontrar uma maneira mais eficiente de estimular a estabilidade mediante a criação do tipo certo de governo que sucedesse ao do Marechal. Desde que Assunção caíra em janeiro, vários exilados políticos tinham afirmado as suas pretensões a deter a autoridade entre seus compatriotas, mas eles próprios tinham sido capazes de reduzir o número de saqueamentos. Além disso, para um grupo de candidatos a libertadores com objetivo político pretensamente comum, a discórdia entre si era constante. Pelo menos cinco deles anunciaram a intenção de assumir a presidência provisória, mas nenhum deles pensou que um compromisso fosse uma opção aceitável.<sup>5</sup> Para eles, assim como para o Marechal López, era uma questão de “vencer ou morrer”.

Comentando sobre a confusa política paraguaia daquele período, Sir Richard Burton observou que um presidente “sem súbditos suficientes para formar um ministério...seria um absurdo absoluto, e Paranhos não podia prestar-se à farsa de criar uma nação feita de prisioneiros de guerra” (BURTON, 1870, p. 446). Mas o Conselheiro acabou fazendo algo de muito semelhante. Ele declarou que um governo provisório de paraguaios anti-López poderia desfrutar da aprovação do Império desde que respeitasse suas sutilezas políticas. Mas aqui ele introduziu um artificioso subterfúgio conceito, pois intencionava suprimir quaisquer tendências anti-brasileiros que pudessem surgir.

---

<sup>5</sup> “Importante do Paraguay”, *The Standard* (Buenos Aires), 4 mar. 1869.

Sem considerar essa condição (que limitava a futura soberania do Paraguai), uns 335 cidadãos assinaram uma petição no final de março, exigindo um novo governo e selecionaram três emissários para levarem a proposta a Buenos Aires. Esses três homens fizeram uma visita de cortesia a Paranhos, antes de partirem. A entrevista demonstrou-se complicada, mas a simpatia do Conselheiro nunca ficou tão em pauta: ele ofereceu aos emissários todo tipo de afabilidade que os aristocratas normalmente reservam para os inferiores. Lisonjeou-os em um momento, depois repreendeu-os, tudo enquanto insistente e delicadamente lhes recordava que o sucesso deles dependia do seu. Então, antes deles deixarem a cidade, o próprio Conselheiro zarpou a bordo de um paquete expresso que chegara em Buenos Aires horas antes que os emissários aportassem naquela capital. Ele tinha iniciado o processo de reconstrução da nação e pretendia cumprir a tarefa sem abdicar das vantagens do Império ou estragar seus planos para uma paz duradoura.

O balanço das perdas entre junho e agosto de 1869 foi duro para o Paraguai. Uma testemunha ocular calculou que 100.000 homens, mulheres e crianças tivessem morrido por doença e fome durante os dois meses da campanha de Cordillera. Isso equivalia a quase um quarto da população do Paraguai antes da guerra, e o número tendia a crescer.<sup>6</sup> O exército paraguaio sofreu mais de 6.000 baixas no mesmo período, enquanto que as perdas dos Aliados foram de apenas um quinto daquele número, com as reservas disponíveis.<sup>7</sup> Os parâmetros da guerra pareciam óbvios para todos, exceto talvez para os soldados-meninos paraguaios, que, tal como os recrutas da Cruzada das Crianças, mantinham uma persistente lealdade a López. A vitória final estava

---

<sup>6</sup> Este cálculo é atribuído a um dos ingleses resgatados pelos brasileiros em Caacupé, em meados de agosto; um homem que claramente não estava exagerando quando salientou que esperava que o número aumentasse nos meses seguintes. Vide “Correspondência. Assunção, 18 de agosto 1869,” em *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), 1 Set. 1869.

<sup>7</sup> “Correspondência (Caraguatay, 28 ago. 1869),” em *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), 15 set. 1869.

dentro do alcance; agora havia todo tipo de razão para focar em outras questões além de lutar. A maioria dos homens procuravam descanso e provisões, mas aqueles em posição de autoridade entendiam que ao passo que o esforço fosse diminuindo, a batalha política no Paraguai apenas iria intensificando.

## 2 O Padrão de Combate Interno entre os Aliados

Enquanto o exército do Conde d'Eu desalojava as tropas do Marechal de Peribebeu e Campo Grande, muitas ocorrências de grande significado estavam acontecendo em Assunção. Por um lado, embora Paranhos trabalhasse incansavelmente para transformar a política paraguaia em algo manejável, este sentia-se frustrado por todos os atrasos. Em Buenos Aires, deliberou, juntamente com o Ministro das Relações Exteriores argentino, Mariano Varela, e o enviado uruguaio, Adolfo Rodriguez, em relação à petição dos exilados paraguaios de formar um regime soberano. Com rumores circulando de que os Estados Unidos poderiam intervir para por fim à guerra, Paranhos quis parecer conciliador.<sup>8</sup> No entanto, as conversações com seus colegas acabaram por realçar tensões entre o Império e seu antigo aliado, a Argentina.

O Conselheiro sugeriu que fosse constituído um governo paraguaio interino, mesmo que o regime de López ainda gozasse de reconhecimento internacional. O Tratado da Tríplice Aliança não estabeleceu nenhuma cláusula para a formação de um novo regime, tendo-se ingenuamente suposto em 1865 que uma rebelião espontânea entre os paraguaios poderia destituir o Marechal. Quando essa hipótese não se concretizou, os brasileiros reabriram a questão, com Paranhos discursando repetidamente em favor da manutenção do Tratado

---

<sup>8</sup> O rumor de uma possível intervenção americana foi provavelmente iniciada pelo Ministro americano Martin McMahon, que desejava comprar López havia já algum tempo. Vide Charles Ames Washburn (1871, II, p. 578-580). Paranhos conhecia as considerações da política dos Estados Unidos da América o suficiente para duvidar da validade dessa improvável história, mas não se daria ao luxo de ignorar as reações dos Membros Conservadores do Parlamento, que poderiam acreditar nela (DORATIOTO, 2007, p. 39).

tal como estava escrito (DORATIOTO, 2002, p. 421).<sup>9</sup> Ele enfatizava que nem a inviolabilidade da soberania paraguaia, nem as reivindicações dos Aliados por território poderiam ser modificadas. O novo governo, qualquer que fosse a sua composição, precisava aceitar a legitimidade daquelas reivindicações como condição para a paz. Rodriguez acabou por se alinhar com aquela interpretação, mas Varela levantou objeções.

Enquanto reiterava as reivindicações históricas de seu próprio governo nas Missões e no Chaco, o Ministro das Relações Exteriores argentino insistia que o Tratado não poderia ser o único fundamento a paz. Este último ponto contradizia acordos tácitos anteriores, mas Varela argumentava que os tempos haviam mudado. O governo argentino negociou o Tratado durante a invasão do Marechal em Corrientes, e naquele momento, o poder de cada um dos Aliados poderia assumir a condição de parte ofendida procurando uma reparação através da expulsão de López do território ocupado. Agora, com o Marechal em fuga e os brasileiros em poder de Assunção, os argentinos poderiam apenas figurar como os últimos a chegar, buscando um lugar em uma mesa de jantar cheia de gente.

Varela encontrou poucas formas de se beneficiar dessa situação, o que em outras circunstâncias teria renunciado um destino diferente para o Paraguai. Apesar dos termos do Tratado da Tríplice Aliança proibirem anexação, a destituição da antiga província separatista (e agora república “independente”) poderia ter levado os políticos em Buenos Aires a exigir a integração do Paraguai à República Argentina como um gesto “humanitário”<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup>A ideia de estabelecer um Governo Provisório no Paraguai datava de 1867, quando o Conselho de Estado Imperial se reuniu para discutir a natureza dum regime pós-guerra e se tinha tornado ainda mais representativo do pensamento brasileiro, desde o ressurgimento Conservador no parlamento, em 1868.

<sup>10</sup>Poucos paraguaios apoiavam tal jogada, mas uma década mais tarde, em uma célebre carta para o irmão Adolfo, José Segundo Decoud parecia sugerir que “a miserável condição do Paraguai [torna] impossível de manter sua existência independente.” Vide Decoud to Decoud, Asunción, 21 Jan. 1878, em University of California at Riverside, Juansilvano Godoi Collection e Harris Gaylord Warren (1985, p. 100-101).

Os brasileiros há muito tempo que suspeitavam das intenções argentinas precisamente sobre esta questão.

No entanto, as desigualdades deste momento definitivamente favoreceriam o Império e os brasileiros podiam rejeitar energicamente qualquer alusão a uma “Argentina Maior” (ONETO Y VIANA, 1903). Varela referiu os laços históricos que uniam o Paraguai aos outros estados platinos, mas ele carecia de poder para fazer qualquer outra coisa além de reclamar. No fundo, a sua preocupação era que o estabelecimento de um regime interino em Assunção pudesse representar uma distração enquanto López continuasse em liberdade. Da mesma forma, estava longe de ser evidente que qualquer governo conseguisse negociar o acordo de paz que o Presidente Sarmiento definiu como prioridade. Varela não levava jeito para agir diante dessas dúvidas, mas se não fizesse nada, Paranhos, então, poderia ganhar em todos os pontos (BREZZO, 1999, p. 289-290). A Argentina tinha que desempenhar alguma função chave no Paraguai pós-guerra, ou então, permitir ao Brasil assumir o papel hegemônico por omissão.

Seu antecessor nunca teria arriscado a confrontar o Conselheiro Paranhos enquanto a Argentina ainda pudesse lucrar comercialmente com a Aliança. Neste sentido, Varela retomou uma diplomacia mais tradicional, com sua posição assertiva sugerindo uma reversão para a postura anti-brasileira dos anos 1850 (WARREN, 1978, p. 53-54; CARDOZO, 1967-1976, p. 96-98). A política argentina anterior tinha apoiado a cooperação com Carlos Antonio López como um estratagema geopolítico para contrabalançar o interesse brasileiro nas províncias do sul. Agora, contudo, com o Paraguai sendo uma sombra do que tinha sido, Varela tinha que impedir o país vizinho de sucumbir ao Império tal qual como já tinha acontecido com o Uruguai. O melhor caminho para alcançar isso era trabalhar com os exilados que reivindicavam apoio no país. Um novo governo poderia vir a formar-se em torno deles, e esse

regime poderia ambicionar negociar com os Aliados como um parceiro em pé de igualdade ou pelo menos maior flexibilidade. Os paraguaios poderiam rapidamente aprender os benefícios de se alinharem com a Argentina em qualquer futura circunstância.

O posicionamento de Varela parecia profético, até mesmo generoso, quando considerado da perspectiva dos paraguaios liberais acostumados com as salas de visita de Buenos Aires. Mas o Ministro das Relações Exteriores argentino nunca poderia oferecer apoio irrestrito para os paraguaios que queriam manter seu próprio ponto de vista. Ele não poderia nem privilegiar aqueles que permaneciam leais ao Marechal e nem oferecer púlpito àqueles que estavam prontos a agir como fantoches ao serviço do Império. As palavras de Varela, apesar de tudo, proporcionavam uma oportunidade para o próprio governo de Sarmiento se distanciar do Brasil, agradando à opinião pública interna enquanto representava o papel de protetor natural dos paraguaios que haviam se refugiado em Buenos Aires, nos anos 1840 e 50, e formado a Sociedade Libertadora, a Associação Paraguaia e outras organizações de exilados. Posteriormente, alguns serviram como oficiais nas unidades da Legião Paraguaia, que tinham lutado junto com a Argentina contra López, e que, por isso poderiam ser receptivos a Buenos Aires.

Muitos portenhos exaltavam o Ministro das Relações Exteriores por enfrentar Paranhos. A devoção de Varela ao princípio de um governo civilizado merecia louvor, argumentavam, assim como sua avaliação realista da situação no norte. Ele insistia que “a vitória não deu direitos a ninguém [no Paraguai]” e esta declaração, também, ganhou aprovação (RAYMOND, 1990, p. 122-124).<sup>11</sup> Contudo, pouco poderia ser feito somente com boas intenções. De sua parte, o Conselheiro Paranhos aceitou bem o posicionamento de Varela, embora, e para

---

<sup>11</sup>Varela tornou-se um dos grandes expoentes da arbitragem internacional, um digno predecessor de Carlos Calvo e Luis Drago. Vide Arthur de Gobineau para o Ministro das Relações Exteriores da França, Rio de Janeiro, 8 jul. 1869, em Jean-François de Raymond (1990).

ser justo, ele tivesse suas próprias críticas ao regime militar brasileiro em Assunção.<sup>12</sup> Achava que o Exército havia atuado como um mau guardião dos interesses do Império. O Exército havia tolerado a corrupção cultivada pelos fornecedores junto do corpo de oficiais e fracassado ao socorrer os refugiados que inundavam a cidade para viver no vão das portas das casas ou na praça central. Paranhos era friamente realista. Ele estava cansado da sobrecarga financeira oriunda da caridade praticada pelos Aliados, que custara ao erário milhares de mil réis em rações do exército, distribuídas aos refugiados.<sup>13</sup> Ele sentia compaixão pela condição deles, mas também os desprezava por terem seguido cegamente o déspota em direção à penúria e à ruína. Sem qualquer perspectiva de socorro à vista, preferiu passar a responsabilidade por esses infelizes a qualquer círculo de paraguaios e tratar pessoalmente de tarefas administrativas mais urgentes.

Embora inicialmente irritado com Varela devido à sua evocação interesseira de um Paraguai livre e moderno, Paranhos não aparentou qualquer inquietação. Ele tinha cortejado repetidamente os portenhos qual pretendente desconsolado e malsucedido. Agora, decidira delicadamente ignorar os desejos daqueles e atirar-se de cabeça na direção de uma diplomacia paraguaia, que só incidentalmente os consultava. Os brasileiros tinham feito os maiores sacrifícios em vidas e numerário. Paranhos salientou esse fato retratando o Brasil como um aliado fiel, pronto a ajudar a causa comum, mas também exigiu concessões

---

<sup>12</sup>Os comandantes militares brasileiros não tinham feito nada para impedir seus soldados de saquearem Assunção e várias vilas no interior do Paraguai, durante os primeiros meses de 1869; o fracasso deles em refrear esses excessos fez com que os esforços do Conselheiro para preparar uma ocupação efetiva fossem ainda mais difíceis. Vide *La Tribuna* (Buenos Aires), 16 jan. 1869; Juan E. O'Leary (1919); Carlos Zubizarreta (1965); e Thomas Whigham (2012, p. 300-310).

<sup>13</sup> O número de pessoas deslocadas afluindo a Assunção continuou a aumentar nos meses seguintes. De acordo com uma fonte, o custo com o suprimento de alimentos para esses refugiados aumentara em setembro para 100.000 milrês por dia, uma soma enorme para a qual os brasileiros não haviam destinado qualquer subsídio. Vide "Enormous expenses," em um recorte não identificado anexado a Lidgerwood para o Secretário de Estado William Seward, Petrópolis, 24 set. 1869, em National Archives and Records Administration (Washington), M-121, no. 37 [de aqui em diante NARA].

de Buenos Aires, no âmbito dos interesses estratégicos do Brasil. Estabeleceu uma agenda com quatro objetivos: assinar tratados de paz favoráveis ao Brasil; definir o montante de reparações de guerra aos paraguaios; estabelecer fronteiras bem definidas e lógicas; e obter reconhecimento de longo prazo da independência paraguaia (DORATIOTO, 2002, p. 463-470).<sup>14</sup>

O Ministro das Relações Exteriores argentino não tinha como influenciar esses objetivos. Sempre que Varela proferisse uma nota de intransigência, o Conselheiro brasileiro assumia um ar indiferente, dispensava alguns elogios e agia impassivelmente. Não teve dificuldade em conciliar os objetivos predatórios da Tríplice Aliança com os seus esforços em favor de um “Paraguai independente”. Rodriguez aquiesceu por falta de qualquer outra opção. Por fim, Varela fez o mesmo, rendendo-se não só à pressão de Paranhos, mas também à dos liberais em Buenos Aires, indesejosos de qualquer confronto com o Brasil (CAMPOBASSI, 1980).<sup>15</sup> Além disso, os argentinos cobiçavam anexar territórios no Chaco Paraguai, mas para que essa reivindicação tivesse êxito, não poderiam provocar o descontentamento de Paranhos. Assim, Varela, Rodriguez e o Conselheiro simplesmente adiaram a discussão sobre as questões territoriais mais controversas (CARDOZO, 1987, p. 248).<sup>16</sup> Os delegados paraguaios que testemunharam essas conversações partiram sem terem oportunidade de emitir suas próprias opiniões.

---

<sup>14</sup> Os brasileiros estavam ansiosos por ressuscitar o Paraguai como uma entidade viável, de modo a servir como um estado-tampão e cancelar efetivamente quaisquer pretensões argentinas. Os argentinos já haviam manifestado algum interesse nos territórios do Chaco do lado oposto de Assunção e esta era uma questão do interesse brasileiro a longo prazo para que Buenos Aires jamais se apropriasse daquelas terras. Consequentemente, o Império considerou com aprovação quaisquer políticas que fortalecessem a posição de um Paraguai pós-Lopista.

<sup>15</sup> O desagrado por Varela associado aos partidários do ex-presidente Bartolomeu Mitre, por fim, forçaram Sarmiento a substituir seu ministro das relações exteriores por uma personalidade menos controversa, Carlos Tejedor.

<sup>16</sup> Durante vários meses, os membros da Aliança não aparentavam ser melhores do que as Graíae, as três bruxas ancestrais que compartilhavam um único olho entre elas e que não conseguiam ver nada além do que um olho permitia. Agora, contudo, os Aliados haviam redescoberto algumas de suas animosidades recíprocas e passaram a se confrontar retoricamente quase tanto quanto o tinham feito com o exército do Marechal.

### 3 O Preço do Sectarismo Paraguai

Embora aparentassem estar ansiosos por conferir aos paraguaios um regime provisório, Paranhos e seus parceiros insistiam que qualquer governo desse tipo “se compromettesse a proceder perfeita conformidade com os Aliados até o término da guerra”.<sup>17</sup> Os delegados paraguaios concordaram com os protocolos dos Aliados em 11 de junho, mas somente depois de muitas réplicas ofensivas entre os exilados na capital argentina. Resignados a sujeitar-se a disputas adicionais, os delegados, então, navegaram de volta a Assunção onde esperavam que os vários partidos simplesmente apoiassem os comissários dos Aliados. Mas não foi assim tão fácil.<sup>18</sup> O Conselheiro regressou ao norte um mês depois, acompanhado por José Roque Pérez, um amigo íntimo de Sarmiento, que agora reunia as funções conjuntas de Comissário da Argentina e da República Oriental do Uruguai. Pérez encontrou-se com Varela antes de partir, mas o Ministro das Relações Exteriores não ofereceu nem conselho e nem consolo. Então, Pérez convocou vários exilados paraguaios em Buenos Aires, mas saiu mais convencido do que antes da inabilidade de eles trabalharem juntos. Ele via pouca vantagem nos adiamentos forçados, independentemente do tempo que as facções paraguaias desavindas precisassem, e presumiu que eles iriam transferir a sua fidelidade para os brasileiros, caso ele não agisse com rapidez.

Na realidade, os paraguaios só podiam concordar em pontos elementares. Primeiro, procuravam um governo próprio o mais rápido possível.

---

<sup>17</sup>O novo regime estava proibido de desempenhar qualquer papel em questões militares e de ter qualquer contato não autorizado com os agentes do Marechal. “Provisional Government of Paraguay. Agreement of the Allies,” 2 jun. 1869 (In: Díaz, 1878, XI, p. 206-210) e recorte não identificado em Asboth para Hamilton Fish, Buenos Aires, 21 jul. 1869, em NARA, FM-69, no. 18.

<sup>18</sup> Alguns dos escárnios jocosos eram direcionados aos delegados paraguaios que tinham se reunido com Varela e Paranhos, outros aos homens que estiveram em Assunção por algum tempo e que agora queriam assumir a condição de cortesãos. Vide “De lo que han sido capaces” *La Verdad* (Buenos Aires), 19 jun. 1869 e Juansilvano Godoi (1912, p. 232-233).

Segundo, rejeitavam qualquer coisa que fosse além de um papel militar simbólico na campanha final contra López, cuja direção eles passaram com satisfação para o Conde d'Eu. Em sua opinião, o comandante brasileiro podia esmagar os insignificantes “caipiras” que ainda seguiam as ordens do déspota. Eles - os novos paraguaios - preferiam se concentrar na política. Se haveria benefício para o país, isso era questionável. Os exilados já haviam se unido aos desertores do antigo regime para formar vários “clubes” mutuamente antagônicos. Essas associações declaravam objetivos ideológicos, ainda que agindo como se suas queixas particulares fossem de primordial importância. Os assuncenhos entenderam isso desde o começo e tendiam a qualificar as facções em termos personalistas - tais como grupos de aristocratas locais, suas extensas famílias e vassalos. Apesar dos laços sociais que uniam esses grupos, todos tinham constantes trocas de integrantes. Os grupos careciam de doutrinas sucintas e davam mais valor à fidelidade pessoal, do que a qualquer outra consideração. Nem sequer eram consistentemente anti-Lopistas.<sup>19</sup>

Cada indivíduo listado no clube presumia ter algum direito ao poder, e com ele, o apoio de Paranhos, dos generais brasileiros, do distante governo argentino, ou de todos os três ao mesmo tempo. Os Aliados professavam pouca tolerância por disputas faccionais, mas nem Paranhos e nem Pérez se sentiam inteiramente insatisfeitos com a ideia de uma administração provisória dividida. López já havia lhes demonstrado em Curupaiti o que os paraguaios conseguiam fazer quando trabalhavam em conjunto.

Inicialmente, os brasileiros preferiram o Coronel Fernando Iturburu para liderar o novo governo. Ele comandava a Legião Paraguaia e era um bom parceiro, tanto para a Argentina como para o Império. A candidatura do coronel parecia natural para um homem com reputação de trabalhar em equipe, que gozava de boa reputação entre todas as facções. Mas Iturburu era

---

<sup>19</sup> “Importantes noticias del Paraguay”. *La Nación Argentina* (Buenos Aires), 8 Abr. 1869.

ambicioso e em vez de esperar pelo momento apropriado, envolveu-se em um esquema de colocar a faixa presidencial no General Juan Andrés Gelly y Obes. Contudo, a ideia de elevar um oficial do Exército Argentino à presidência do Paraguai nunca encontrou muita chance de sucesso e quando Paranhos soube isso, decidiu que Iturburu se tornara um risco. Por meio de intrigas, o Coronel tinha procurado reforçar seu próprio posicionamento entre alguns exilados paraguaios, enquanto tentava evitar interesses imperiais legítimos, e talvez até mesmo entregar o Paraguai para os argentinos (DECOUD, 1925, p. 232-233). Paranhos não viu qualquer motivo para tolerar aquilo.

Assim que a estrela de Iturburu se apagou, a configuração do futuro governo foi deixada para qualquer um que pudesse clamar mais alto. A facção liderada pelo Coronel Juan Francisco Decoud e seu filho de vinte e um anos, José Segundo, tinham demonstrado grande energia durante a ausência de Paranhos na Argentina. Embora o Decoud mais velho nem sempre conseguisse controlar aquele grupo de homens, sua clientela permanecia sendo a maior força dentro do grupo. A facção dentro da facção que ele encabeçava sentia-se suficientemente segura para, em junho de 1869, anunciar sua organização formal como o Club del Pueblo. Era presidida (se não exatamente liderada) por Facundo Machaín, um advogado três anos mais velho que José Segundo, que havia estudado com o jurista chileno Andrés Bello. O Club del Pueblo afirmava ser a orientação mais “liberal” das organizações políticas embrionárias do Paraguai. Os seus proponentes mais vociferantes traçavam seus princípios norteadores baseando-se em uma miscelânea de filosofias francesas filtradas por um coador argentino altamente seletivo. Considerando a sua vasta erudição e eloquentes promessas de prosperidade futura, os Decoudistas poderiam ter parecido inovadores, mas aqueles paraguaios que amadureceram em Buenos Aires já tinham sido expostos a tagalerice liberal antes. A retórica nunca poderia trazer qualquer vantagem para os Decouds sobre Paranhos e nem poderia lhes garantir poder incontestável no Paraguai.

A facção associada a Claudio Bareiro poderia reivindicar influência similar. Ela apresentava uma curiosa composição de antigos funcionários Lopistas (que, assim como Bareiro, tinham passado a guerra em Montevideo, Buenos Aires e na Europa) e de um surpreendentemente grande número de legionários que não suportavam os Decouds. Os organizadores tinham se encontrado na residência de Iturburu no final de março, para fundar o Club Unión Republicana, o equivalente “conservador” dos Decoudistas (CARDOZO, 1967-1976, p. 269-271). As 338 assinaturas postas ao anúncio formal da fundação da organização sugeriria um número superior aos 50 ou 60 associados com seus rivais.<sup>20</sup> Todavia, muitos dos nomes obviamente eram originários das lápides do cemitério La Recoleta (BORDON, 1976, p. 43).<sup>21</sup> Os participantes das reuniões do Club Unión incluíam homens que sempre tiveram as mãos prontas para receber propina e para cada indivíduo que realmente trouxesse dinheiro, havia três ou quatro outros, cujos dedos esperavam por ele. Isso eles tinham em comum com os Decoudistas, que nunca foram além de negociatas cretinas. Na verdade, as duas facções eram similares em estrutura, retórica, estilo e comportamento. Nenhuma delas gostava do papel de achegador para o Brasil ou a Argentina e, contudo nenhuma vislumbrava outro caminho senão o de oferecer membros ao arrematador que mais oferecesse (DORATIOTO, 2002, p. 428-430).

Tal como aconteceu com as organizações sucessoras desses clubes, no final dos séculos XIX e XX - os partidos Liberal e Colorado - a natureza fundamental desses clubes era personalista. O papel de testa de ferro representado por Machaín no Club del Pueblo, por exemplo, foi reproduzido

---

<sup>20</sup>Ato de Fundação do Club Unión, Asunción, 31 mar. 1869 em Museo Histórico Militar (Asunción), Colección Gill Aguinaga (seção não catalogada).

<sup>21</sup>Embora o relato de Héctor Francisco Decoud desse ao Club Unión Republicana uma conotação geralmente hostil, não há motivo para duvidar da sua observação de que os Bareiristas haviam exagerado ao incluir como membros do Club muitos signatários fictícios ou falsificados.

no Clube Unión por outro intelectual sem poder, nos seus vinte anos, Sotero Cayo Miltos. Assim como Machaín, destacou-se como uma figura inteligente, trabalhadora e patriótica. Mas, apesar dessas qualidades pessoais, Miltos não podia gabar-se de ter realmente autoridade.

Seria possível pensar que Cândido Bareiro havia arruinado qualquer chance de servir em um Governo Provisório devido a sua ligação anterior com o Marechal. No entanto ele insinuou-se junto dos aliados e, mesmo o Conselheiro Paranhos o perdoou por ter sido arrastado para o círculo Lopista. Bareiro podia argumentar sinceramente que servir a sua nação no exterior não era o mesmo que matar as tropas dos Aliados. Além disso, tal como Paranhos, Decoud e todos os outros contendores sabiam bem que o Paraguai era um país pequeno. O país não podia deixar um homem talentoso completamente de fora, nem os aliados o podiam fazer se quisessem governar efetivamente. Paranhos e os argentinos tiveram que tolerar as divergências entre os seus amigos escolhidos; eles sabiam o que queriam, embora muitos dos paraguaios não o soubessem. Os Aliados decidiram que uma junta de emergência composta de três indivíduos deveria assumir o poder executivo até que a assembleia constituinte pudesse determinar a estrutura política permanente da república. Isso levaria um ano ou mais.

O Governo Provisório do Paraguai passou, então, a ter a forma de um triunvirato mais dependente de Paranhos do que dos outros representantes dos Aliados. Em troca da sua fidelidade, o trio poderia reivindicar apoio moral do Brasil e qualquer auxílio material que o Conselheiro decidisse lhes oferecer, mantendo a fachada de um organismo puramente paraguaio, embora respondendo aos interesses brasileiros. Uma cláusula nos protocolos de 11 de junho, por exemplo, prometia acesso livre aos fornecedores estrangeiros no Paraguai, um ato que assegurava que o contrabando que ocorria desde janeiro de 1869 continuaria indefinidamente (FRAGOSO, 1941, p. 47-48).

Na disputa que se seguiu, as várias facções não nomearam opções mais óbvias. O Club del Pueblo nomeou Cirilo Antonio Rivarola como candidato a presidente do triunvirato. Rivarola, um membro menor de uma importante família de latifundiários, tinha estudado Direito antes da guerra. Uma estúpida briga com um chefe político levou-o a passar um tempo na cadeia, de onde ele foi libertado para o serviço militar, em 1868. Lutou com coragem em Lomas Valentinas, foi capturado pelos brasileiros, escapou e reintegrou-se às forças de López. Foi promovido a sargento e permaneceu livre por algum tempo, voltando a ser preso mais tarde, desta vez por inépcia militar. Os brasileiros o resgataram em maio de 1869. Grato aos libertadores (ou captores), Rivarola passou ao Conde d'Eu informações consideráveis sobre a disposição dos paraguaios em Azcurra, falando livre e eloquentemente do seu ódio pelo Marechal López. Em troca, o Conde garantiu-lhe salvo conduto para ir e vir a Assunção. Lá, Rivarola contactou diferentes facções, finalmente o apoio de José Secundo Decoud, que tentou transformar Rivarola em um instrumento ao seu serviço (CARRANZA, 1975, p. 130-133). Desta forma inesperada, Decoud nomeou o improvável Rivarola para liderar o governo provisório. Para não ficar para trás perante essa estranha seleção, o Club Unión escolheu como candidato Félix Egusquiza, um primo do Marechal que havia atuado como agente comercial em Buenos Aires, antes da guerra. Apesar da relação familiar com López, Egusquiza tinha recentemente cooperado com qualquer grupo que parecesse pronto para tomar o poder.<sup>22</sup> Os comissários argentinos e uruguaio tinham pouca confiança em Rivarola, e até mesmo Paranhos sentia-se pouco seguro. Por sua vez, os líderes dos dois clubes sentiam-se

---

<sup>22</sup> Paranhos havia solicitado a inclusão de Egusquiza no governo provisório como prova da disposição do Império em recrutar velhos Lopistas. Era uma concessão típica à política do momento, na qual o Conselheiro aparentava ser tão moderado e judicioso aos brasileiros, e tão infame aos paraguaios de qualquer orientação política. Vide Doratioto (1997, p. 231).

irritados com os esforços dos Aliados em definir a natureza do patriotismo paraguaio e ainda tinham esperança de colocar a Argentina contra o Brasil, para que eles mesmos se aproveitassem dos restos.

A situação requeria destreza e tendo refletido por algum um tempo, Paranhos optou por Rivarola como a melhor escolha; embora ele não tivesse sido testado como político aparentava ser maleável. O Conselheiro pode ter sentido uma certa incerteza ao apoiar um homem da escolha de Decoud, mas sabia que as coisas poderiam ser piores, dado que muitos membros do Club del Pueblo preferiam José Segundo como candidato. Paranhos contentou-se com o mal menor e anunciou seu endosso a Rivarola como um reflexo da inalterável vontade do povo paraguaio. Ao adotar essa atitude, isolou os integrantes antibrasileiros dentre os Decoudistas. A manobra não funcionou no início. Em 21 de julho, uma grande assembleia de 129 notáveis reuniu-se nos salões vazios do Teatro Nacional. Pérez serviu como executivo, mas Paranhos mexeu as cordinhas cuidadosamente. Os procedimentos eleitorais, que já haviam sido constituídos em particular, foram rapidamente aprovados. A assembleia elegeu então um conselho de 21 membros presidido por Rivarola, com o impetuoso antigo tenente legionário Benigno Ferreira atuando como secretário. Seguiu-se um debate acirrado com ataques pessoais antes que esse conselho selecionasse cinco de seus integrantes para nomear três triúmviros. Em determinado momento, o Comissário Pérez gritou com os delegados, xingando a todos de canalhas (TAUNAY, 1921, p.81).

A ganância dos delegados pelo poder era totalmente desproporcional ao pouco que podia ser cobiçado. Na verdade, mesmo com todo o vitupério, a reunião decorreu tal como Paranhos havia previsto. Quando os membros do comitê eleitoral se reuniram em 5 de agosto, todavia, omitiram o nome de Rivarola dos três escolhidos, apresentando em vez disso, os nomes de José Diaz de Bedoya, Carlos Loizaga e Juan

Francisco Decoud. O último, obviamente, era um dublê para José Segundo, o herdeiro aparente. Essa tentativa irritou Paranhos, e assim ele levantou seu dedo (mas não sua voz) e insistiu que o comitê desistisse do nome do coronel citado anteriormente em favor de Rivarola ou de alguém ligado à velha facção de Iturburu.<sup>23</sup> A condição foi garantida em favor de Rivarola, mas somente após muitas vaias e ameaças. Os Decoudistas levantaram-se todos de uma vez, agitando os punhos e gritando; o resto da assembleia tentava colocar ordem gritando ainda mais alto. A agitação tinha todos os elementos de uma ópera italiana, exceto pelo fato de que alguns participantes tinham comparecido ao evento trazendo revólveres. O rosto de Ferreira, já ruborizado da cor de um tomate, agora ficava roxo ao ameaçar atirar em Félix Egusquiza.<sup>24</sup> Os Decoudistas prepararam-se, então, para sair em massa; a reunião acabara em pandemônio.

Uma vez que as facções recusavam a considerar a convergência de seus objetivos, coube a Paranhos desempenhar o papel de aglutinador. De vez em quando, durante o evento, ele passava um lenço com monograma por sua cabeça calva, limpando o suor. Com esse simples, mas deliberante gesto sinalizava que agiria como uma parteira, mas não como árbitro. Gradualmente, os participantes foram percebendo a irritação dele e passaram a se comportar de forma menos impertinente. Tudo poderia ser obtido daquele homem, mas muito poderia ser perdido caso alguém aparentasse se

---

<sup>23</sup> “Esse Decoud é bem demoníaco”, afirmou um perturbado Paranhos em determinado momento. Vide Decoud (1925, p. 134-136). Os brasileiros nunca aderiram à família Decoud, e ainda em 1894 organizaram um golpe de estado em Assunção para impedir a eleição de José Segundo como presidente (WARREN, 1982, p. 221-236).

<sup>24</sup>Egusquiza deve ter levado a sério a ameaça, uma vez que fugiu rapidamente do Paraguai, para nunca mais voltar. Posteriormente, Ferreira serviu como presidente de 1906 a 1908. Em uma carta escrita a Hector F. Decoud, Ferreira ainda defendia seu passado na Legión como “uma marca de honra”. Vide Ferreira a Decoud, Buenos Aires, 20 Jan. 1916 em Decoud (1930, p. 107-113). Assim como muitos outros presidentes paraguaios, Ferreira morreu no exílio. Vide Carlos Gómez Florentín (2010, p. 23); Arturo Bray (1957, p. 127-152) e Manuel Pessoa (1995).

opor a ele. Embora o Conselheiro pessoalmente detestasse Juan Francisco Decoud, aproximou-se dele mesmo assim e persuadiu-o a retirar o nome em troca de uma série de nomeações secundárias para os seus partidários no novo governo. Rivarola concordou rapidamente e a reunião terminou.

O Triunvirato foi formalmente instalado em uma cerimônia pública em 15 de agosto, o dia destinado a reverenciar Nossa Senhora da Ascensão, e bem escolhido como tempo de renovação.<sup>25</sup> Em outros lugares no Paraguai, contudo, não havia oportunidade para celebrações. Piribebui já havia caído depois de uma resistência sangrenta e apenas poucas horas, antes que os soldados-garotos dessem o seu último suspiro em Campo Grande. A guerra ainda não havia acabado para eles, e falar sobre qualquer futuro parecia horrivelmente descabido.

Era como se houvesse dois Paraguais separados. A instalação do Governo Provisório proporcionou a primeira oportunidade para a festividade que os assuncenhos buscavam há muitos meses. Políticos liam discursos preparados e bandas tocavam árias triunfantes. Cidadãos locais, mercadores, transeuntes interessados e talvez alguns espiões Lopistas acorreram à Catedral, onde o capelão militar argentino conduzia o juramento de posse dos triúnviros. O juramento foi seguido por uma promessa de cooperação com os Aliados feita por um inexpressivo Rivarola. As cerimônias formais terminaram com o solene *Te Deum* e com exclamações de amizade e patriotismo por Paranhos, Pérez e os triunviratos no Palácio do Governo. Enquanto um almoço organizado pelo Conselheiro era oferecido aos dignitários da delegação brasileira, o público assistia uma apresentação de rua um tanto extravagante.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup>Ato de Instalação do Governo Provisório (Asunción, 15 ago. 1869). In: *Registro Oficial de la República del Paraguay correspondiente a los años 1869 a 1875* (Asunción, 1887, p. 3-4).

<sup>26</sup>Augusto Tasso Fragoso (1957) e Cardozo (1967-1976). Conforme descrição do *The Standard*, este teatro de rua “participou de alguns eventos grotescos.” Vide “Installation of the Paraguayan Triumvirate” na edição de 25 ago. 1869.

#### 4 O Triunvirato impotente

Apesar de todo o brilho, a passagem simbólica de uma era apresentou mais ironia do que sentimentos de júbilo entre os habitantes locais. Não tinha passado muito tempo desde que López havia exigido a participação deles em rituais nacionais: mulheres da classe alta foram forçadas a dançar nestes festivais com os cabos do exército até às duas da manhã. Prostitutas eram simultaneamente elevadas a posições privilegiadas. Seria esse novo regime algo diferente do outro? Uma coisa era certa: os homens que substituíram López eram mais parecidos com coveiros do que com patriotas. Os melhores dentre eles agiam como fantoches de Paranhos. Isso era melhor do que o “glorioso” esquecimento que o Marechal prometera, mas ninguém na verdade acreditou que Paranhos havia transmutado o sectarismo paraguaio em algo de valor. Como chefe do novo Triunvirato, Rivarola foi descrito por um proeminente Decoudista como um “espírito mal humorado, devotado às formas legais e com instintos arbitrários e despóticos; uma mistura do bem e do mal, da verdade e falsidade... um homem sem caráter” (VALDEZ, 1892, p. 257-260). Pelo menos ele podia se gabar de alguns antecedentes liberais. Ele também tinha falado a favor da paz quando tal conversa normalmente levava à execução. O Conde d’Eu tinha feito de tudo para esculpir o sargento paraguaio descalço em uma figura de peso, e até mesmo Paranhos via potencial em Rivarola. Isso foi suficiente para que ele recebesse a posição senior no Triunvirato.

Seus companheiros de triunvirato, Carlos Loizaga e José Diaz de Bedoya, eram claramente menos significativos. Ambos eram ex-integrantes da Asociación Paraguaya que havia participado nas complicadas discussões em Buenos Aires. Tampouco tinham experiência administrativa. Antigamente hábil, mas agora meramente velho, o Decoudista Loizaga era um leitor de poesias e de estórias de aventura. Embora tivesse sofrido menos comparado a Rivarola, ele aparentava estar visivelmente fatigado pela guerra e desejoso de se

afastar do escrutínio público (VALDEZ, 1892, p. 196; CORRESPONDÊNCIA, 1869, p. 257-260). O forte e barbeado Díaz de Bedoya era o irmão mais novo de Saturnino Bedoya, um comerciante que casara-se com a irmã do Marechal e foi posteriormente executado por conspirar contra López. Assim como seu irmão, Díaz de Bedoya era um oportunista - ganancioso e pouco educado. Mas ele estava disposto a obedecer Paranhos. Quando enviado a Buenos Aires logo depois de obter empréstimos para o Governo Provisório, ele se perdeu em sua vida particular, tendo fugido com a prata retirada dos altares das igrejas paraguaias que o governo desejava usar como garantia.<sup>27</sup>

Para os assuncenhos que haviam sobrevivido ao combate, Rivarola e seus parceiros pareciam um pouco melhores que lacaios brasileiros. Havia outros candidatos disponíveis para o cargo, é claro, mas nenhum deles poderia ter êxito sem o patrocínio dos Aliados. José Segundo Decoud era um homem talentoso, um orador pronto e poderoso, mas era também um manipulador - o tipo de homem que os padres condenam nas homilias sobre a crua ambição. Agosto de 1869 poderia ainda ter sido o momento de José Segundo, mas ele se viu inesperadamente apoiando Rivarola, pensando em manipulá-lo tal como Paranhos e o Conde d'Eu já o haviam feito.

Cândido Bareiro ofertava outra possibilidade. E tal como Decoud, era indubitavelmente refinado e bem educado. Ele tinha ampla experiência em diplomacia em Paris e Londres e, diferentemente dos outros que ansiavam por poder em Assunção, era uma entidade conhecida. Embora López visse suas atividades no Rio de Janeiro e em Buenos Aires como atos de traição, Bareiro conseguiu promover-se a si próprio, sendo a única pessoa com alguma estatura

---

<sup>27</sup>Embora Juansilvano Godoi quase certamente exagerou sobre a prata surrupiada por Díaz de Bedoya mencionando “300 ou mais arrobas [7.500 libras]”, a quantidade roubada foi com certeza muito grande (GODOI, 1912, p. 242-243; 278-279. Estudiosos procurarão em vão por alguma coisa de positivo dita sobre o triunvirato (DECOUD, 1915, p. 148-149).

capaz de conseguir este feito sem denunciar abertamente o regime anterior.<sup>28</sup> Todavia no passado recente, ele havia se aproximado preocupantemente de perto dos argentinos, e Varela e Pérez consideravam-no mais como protegido do que aliado. Essa impressão transformou Bareiro em uma réplica de Decoud, tornando-o inaceitável para os brasileiros.

Os paraguaios que exigiam um rápido regresso à verdadeira soberania estavam condenados a ter uma decepção. Tinham que escolher entre um fantoche antinacionalista ou outro igual, ou então aceitar o retorno de López ou alguém como ele. Não obstante, os exilados retornando para casa, vindos de Buenos Aires ou do exterior, expressavam mais otimismo do que aqueles que estavam em Assunção desde janeiro. Os recém-chegados consideravam os protocolos anteriores como um início sensato para a reconstrução do país. Na medida em que eles tinham uma opinião, também a tinham os refugiados que agora chegavam à capital, homens e mulheres pobres para quem encontrar abrigo e comida se tornara necessariamente uma prioridade. Ninguém jamais havia pedido suas opiniões sobre quem deveria liderar o Paraguai. Eles tinham visto os Aliados pilhando livremente. Agora, testemunhavam o novo governo arrebanhando tudo ou se agarrando em qualquer coisa que pudessem, em termos de política. Era a mesma coisa.

Enquanto esses paraguaios voluntariamente davam uma chance ao triunvirato de construir algo a partir de quase nada, as potências estrangeiras unanimemente ridicularizavam o novo governo. Martin McMahon, ex-

---

<sup>28</sup>Bareiro aprendeu o ABC da política com o Marechal López. Quando viajava pelo interior, por exemplo, evidenciava uma atitude decididamente paternalista para as classes mais baixas que pareciam estranhas para um senhor da cidade, mas que foram com efeito totalmente ordenadas assim. “Com o seu casaco lustroso grudado ao corpo pelo suor, Bareiro confraternizaria com o mais rústico camponês que quisesse vê-lo preencher o mais alto posto da nação”. Vide Sierra Carranza (1975, p. 133). Tal qual Morínigo, Stroessner, e outros políticos paraguaios do século XX, Bareiro comandou, por fim, um governo autoritário de direita que cuidadosamente elaborou um discurso populista de esquerda. Isso lhe rendeu um considerável apoio das classes mais baixas enquanto que comunistas e outros que se identificavam defensores dos pobres receberam apenas desprezo.

ministro americano, observou com repugnância que os Aliados haviam procurado “juntar de todas as partes do país o tal povo infeliz do Paraguai de quem a fome e o sofrimento forçavam a abandonar a causa nacional, com o objetivo de providenciar um eleitorado para este simulacro de governo”.<sup>29</sup> McMahon, obviamente, ainda apoiava o Marechal, que naquele momento se estava retirando para as florestas orientais. Mas mesmo os agentes diplomáticos dos estados estrangeiros sem nada de positivo para falar de López, duvidavam das intenções dos Aliados para um novo governo paraguaio. O ministro britânico desprezou o estado em formação por ser “uma sombra por detrás da qual os governos aliados, que procurarão se evadir de algumas de suas mais sérias e embaraçosas responsabilidades, sem se despojarem de qualquer poder material”. Os italianos e os franceses manifestaram similar ceticismo (WARREN, 1978, p. 54).

O mesmo desdém pela opinião externa que tinha animado o Marechal também incendiava aqueles que buscavam suceder-lhe. Os triúmviros sabiam que suas chances de poder baseavam-se em uma demonstração de subordinação aos Aliados. Além disso, embora muitos homens fossem jovens sofisticados que se consideravam parte de uma potencial aristocracia, tinham passado poucos meses desde que seus vizinhos portenhos os repreenderam por viverem na alta roda enquanto seus conterrâneos tombavam em combate. Os antigos exilados esperavam mudar sua reputação e melhorar a sua condição no Paraguai, mediante o exercício da autoridade legitimada. Para obter isso, tinham que suplantar López da lembrança do povo. Os seus pais tinham preferido o exílio à tirania; os filhos buscavam poder em preferência ao anonimato e não desperdiçavam tempo em tornar sabida esta prioridade.

---

<sup>29</sup>McMahon para Hamilton Fish, Buenos Aires, 19 jul. 1869, citado em Warren (1978, p. 54). Em respeito à presença de McMahon no Paraguai durante esse estágio final da guerra, vide Martín McMahon (1870, p. 633-647) e Arthur Davis (1985).

Em 17 de agosto, o Governo Provisório promulgou um decreto que definia como o Marechal e seus partidários remanescentes se deveriam integrar na nova política: “O primeiro dever de todo paraguaio neste momento supremo é aprovar tanto quanto possível a vitória da República e dos governos Aliados, a quem devemos nossos cordiais agradecimentos, prestando-lhes assistência contra o tirano López, o flagelo do povo... Qualquer cidadão que continue a servir o tirano... deve ser doravante considerado um traidor”.<sup>30</sup>

Os triúnviros precisavam fazer mais do que simplesmente se distinguir do déspota. Também desejavam figurar como liberais modernos cujos planos expansivos não incluíssem sacrificar os últimos paraguaios por nada. Eram construtores, insistiam, e não destruidores. Por isso, eles emitiram um manifesto, impresso (com a autorização de Paranhos) nas prensas do Exército Brasileiro, que fazia alusão à “fuga do martírio” do povo paraguaio, e à necessidade de romper com as tradições da tirania e de vizinho espionando vizinho. O Paraguai seria diferente de agora em diante, prometiam os triúnviros, e nesse ano, o “Ano Um da República Livre”, todo cidadão deveria ajudar na reorganização do país.<sup>31</sup>

As referências ao dever soavam vazias para os refugiados que lotavam as praças de Assunção. O Marechal tinha da mesma forma, falado de dever, e essas pobres pessoas agora até odiavam o som da palavra. Naquele momento, em 1869, não tinham muito para comer, mas tinham restos de orgulho e muitos deles ainda se sentiam em conflito. Os soldados brasileiros que lhes haviam fornecido rações mínimas tinham pena da miséria deles, mas de alguma forma também os temiam. Como Paranhos havia previsto, o problema dos refugiados havia crescido consideravelmente até ao momento em que o Governo Provisório subira ao poder. Para fazer frente a este

---

<sup>30</sup>Decreto do Governo Provisório, Assunção, 17 ago. 1869; Lidgerwood para Seward, Petropolis, 11 set. 1869 em NARA, M-121, no. 37; e Decoud (1925, p. 168-169).

<sup>31</sup>*La república del Paraguay. Manifiesto del Gobierno provisorio* (Asunción, 1869).

desafio, os triúnviros nomearam novos chefes políticos nas cidades desocupadas pelas tropas do Marechal, eliminaram tarifas e autorizaram a venda de papel selado. Com a mira no aumento das receitas coletadas dos aluguéis, declararam o matadouro e o Teatro Nacional propriedade pública e emitiram licenças para os estabelecimentos comerciais.<sup>32</sup> Convenceram o Exército Brasileiro a devolver os estoques de erva, tabaco e pele armazenados nos depósitos em Assunção, para aumentarem as receitas (DORATIOTO, 2002, p. 432-433).<sup>33</sup> Em uma medida inspirada pelas predileções pessoais de Paranhos e do Conde d’Eu, aboliram oficialmente a escravidão.

Assim, o “liberalismo” do Triunvirato representou não apenas um ataque ao Lopismo, mas também à natureza da elite poderosa no Paraguai. A ideologia liberal sustentava que governos obtêm seus poderes mediante o consentimento dos governados. Mas não havia nada de liberal sobre os triúnviros — eles poderiam distribuir favores, mas dividir o poder com o povo não era parte da mentalidade deles. Em vez disso diziam aos cidadãos, que agora o estado os ajudaria mais do que os exploraria e eles tinham que ficar satisfeitos com tais promessas.<sup>34</sup> O triunvirato instalou campos de

---

<sup>32</sup>Vide Decretos de 1-10, 11, 13, 15, 17, 18, 21,23, 24, 25, 27, 28, e 29 Set. 1869 em *Registro Oficial de la República del Paraguay*, p. 11-27. *El Nacional* (Buenos Aires), 15 out. 1869, relatando que fornecedores estavam se organizando para se oporem às licenças do governo para as suas atividades.

<sup>33</sup> “Chronique,” *Ba-Ta-Clan* (Rio de Janeiro), 23 e 29 out. 1869. Esses esforços para aumentar as rendas foram uma questão de “pouco demais, tarde demais”. Como o *London Times* observou, o novo governo estava ansioso para “restaurar a ordem no país, mas necessitado de recursos como está, sem comércio salvo o abastecimento do exército, sem o básico para alimentar o povo, e mesmo sem o vestígio de um Tesouro, é impotente e está completamente aquém da tarefa” (6 Dez. 1869).

<sup>34</sup> Não se pode dizer que os comissários dos Aliados e diretores do governo militar desconheciam a escala do problema. Em uma nota pessoal para o Ministro das Relações Exteriores, Mariano Varela, o comissário argentino Pérez mencionou que “o que era mais horrível e degradante nas áreas livres era a situação lamentável das famílias. Fome, miséria, sofrimento e nudez em abundância, e mesmo nas ruas [se pode ver] uma massa de cadáveres. Isso, meu amigo, ninguém pode imaginar, é necessário ver.” Vide *El Nacional* (Buenos Aires), 29 ago. 1869 e também Emilio Mitre para Martín de Gainza, Caraguatay, 25 Ago. 1869, em Museo Histórico Nacional (Buenos Aires), doc. 6692.

trabalho em fazendas abandonadas fora da cidade de Trinidad para prover alimento para a capital e nomeou uma comissão para cuidar dos inválidos e dos órfãos. Mas proibiram a “siesta”, que era “prejudicial ao [espírito] da atividade que o momento pedia” e proibiu o idioma Guaraní nas escolas, porque ele tinha sido utilizado para difundir um nacionalismo Lopista.<sup>35</sup> Alguns desses decretos e proibições pareceram absurdos, outros meramente impraticáveis.<sup>36</sup>

Agora que os antigos exilados tinham uma aparência de poder, fizeram reivindicações que apenas pareceram tão vazias quanto à evocação da glória nacional do Marechal. Mesmo a facção fora do poder usava uma retórica igualmente turbulenta. O Club del Pueblo manteve grande visibilidade graças ao seu jornal, o apropriadamente e intitulado *La Regeneración*, fundado em outubro de 1869. Os antigos exilados liam avidamente o jornal Decoudista porque proclamava defender os direitos dos paraguaios que não tinham nada. O jornal permitia ao Club del Pueblo participar do estabelecimento dos parâmetros da política nacional e gabava-se de ter um bom entendimento das tendências europeias. Mas as queixas

---

<sup>35</sup>Bartolomé Mitre e os financiadores de *La Nación Argentina* tinham, evidentemente, planejado fundar um jornal liberal na Assunção ocupada provisoriamente intitulado *El Sol de Lambaré*, mas, por uma variedade de razões, o projeto nunca saiu do papel. Isto deixou o caminho livre para o *La Regeneración*, que foi editado por Decoud, irradiando seus pontos de vista políticos como se os tipos fossem impressos com tinta de pechblenda. Juansilvano Godoi considerou o jornal, impresso três vezes por semana, como progressista em espírito, por favorecer em um conceito mais amplo de bem estar social e educação pública para as mulheres (1925, p. 267-270). Outros leitores poderiam argumentar que havia menos em *La Regeneración* do que aparentava. Os estudiosos de hoje sentir-se-ão frustrados com a publicação, não por seu conteúdo partidário, mas pela qualidade inferior do papel usado na produção. As poucas cópias encontradas nas bibliotecas e em coleções particulares geralmente limitam-se a pedaços rasgados do original. Os jornais Lopistas (*El Semanario*, *Cabichuí*, *Centinela*, e *Lambaré*, mas não *Estrella*) foram impressos, pelo contrário, em papel de pano, e, embora apenas raramente encontrados no original, hoje ainda estão em boas condições. Vide “Important from Paraguay,” *The Standard* (Buenos Aires), 4 mar. 1869; Harris Gaylord Warren (1983, p. 483-498; Gladis Fois Maresma (1970, p. 36-44); María Lucrecia Johansson (2013) e Thomas Whigham (2012, p. 157-180).

<sup>36</sup>Além desses decretos terem sido aprovados supostamente em favor dos pobres, as mulheres e crianças desabrigadas amontoadas nas praças da cidade eram expulsas para os seus distritos de origem como uma “medida de higiene” (GODOI, 1912, p. 262-263).

contra outras facções são de fazer estremecer o leitor moderno e os Bareiristas, por fim, fundaram seu próprio jornal, *La Voz del Pueblo*, que provou ser igualmente ácido em sua retórica.<sup>37</sup>

## Conclusão

Para Paranhos, enquanto um virtual vice-rei do Paraguai, as promessas e slogans políticos pouco significavam. Bastava-lhe simplesmente agradecer o triunvirato apesar de sua indiferença pelos problemas deles.<sup>38</sup> Para os pobres paraguaios que ainda lutavam por um pedacinho de carne, os slogans não significavam nada, porque não obstante toda a energia dispendida para a criação deles, o Governo Provisório tinha pouco efeito sobre aqueles que mais precisavam ver mudanças. Os triúnviros não lhes ofereciam mais dedicação do que o Marechal.<sup>39</sup> E, diferentemente de López, as várias facções “liberais” não sentiam pressão alguma para mobilizar o povo de modo a sobreviver. O patrocínio brasileiro pode ter importado, mas a opinião pública paraguaia não. E uma vez seus maltrapilhos soldados do Exército Paraguaio fugiam para as florestas com López, o golpe de misericórdia só poderia ser executado como

---

<sup>37</sup>Tanto *La Voz del Pueblo* como *La Regeneración* cessaram a sua publicação em setembro de 1870, quando as respectivas redações foram destruídas à noite por agentes desconhecidos (embora não seja difícil apontar o dedo para os agentes do governo). Vide Warren (1983, p. 485).

<sup>38</sup>O termo “vice-rei” foi maliciosamente referido ao Conselheiro não somente pelos paraguaios, mas ao longo dos anos, pelos argentinos, uruguaios e brasileiros assemelhados. Vide Júlio de Barros, “Congresso de Assumpção,” *A Reforma* (Rio de Janeiro), 6 Abr. 1870; *La República* (Buenos Aires), 9 Jan. 1870; e Doratioto (2002, p. 436).

<sup>39</sup>Sem acesso a dinheiro (ou poder significativo), o Governo Provisório era impotente para aliviar os problemas mais imediatos, enfrentando as pessoas desabrigadas na cidade. Enquanto nós poderíamos censurar o Triunvirato por se concentrar em partidos políticos quando muitas pessoas passavam fome, na verdade, a escala do desafio poderia ter desconcertado qualquer autoridade responsável. As condições eram tão ruins que, em 1 de dezembro de 1869, Rivarola admitiu que “a dificuldade de transportar cadáveres para o cemitério público pela falta de homens para fazê-lo, a tarefa [havia sido relegada] às mulheres já cadavéricas devido à fome e fadiga [provocadas pela vida] sob o jugo de Solano López, que havia [tentado] exterminar a nacionalidade paraguaia.” Rivarola tinha dado ordens a sua pequena milícia para auxiliarem no enterro dos mortos no lugar em que fossem encontrados, sem se importarem em carregar os corpos para “cemitérios mais distantes.” Vide Circular de Rivarola, 1 Dez. 1869, em *Registro Oficial*, p. 38-39.

uma tragédia. Ninguém se sentiu surpreso quando o Marechal morreu, em março de 1870, com uma espada presa em sua mão.

Paranhos podia tirar pouca consolação desta vitória. Ele criara a estrutura para uma ocupação efetiva do Paraguai, mas não construíra nação alguma a partir dos escombros. O mútuo antagonismo das facções em Assunção dificilmente constituiria um regime livre e independente e não havia razão para pensar que as coisas iriam melhorar em um futuro próximo. A seu favor, deve notar-se que Paranhos reconheceu as limitações do Governo Provisório que havia forjado, bem como os problemas que viriam adiante. Mas deixou os outros pensarem que ele obtivera êxito. O Imperador, que queria ter a melhor impressão do Conselheiro, em breve elevou-o ao título de Barão do Rio Branco. Paranhos regressou ao Rio de Janeiro, sendo muito elogiado nos círculos em que isso significava alguma coisa. Acabou tornando-se Primeiro Ministro no início dos anos 1870 e supervisionou uma administração de relativa prosperidade e considerável modernização, mas no Paraguai, o cenário de uma de suas grandes realizações, seu legado foi necessariamente mais problemático.

## Referências

ATO DE FUNDAÇÃO do Club Unión. Asunción, 31 mar. 1869.

BORDON, F. *Historia política del Paraguay*. Asuncion: Orbis, 1976.

BRAY, Arturo. *Hombres y épocas del Paraguay. Libro segundo*. Asunción: Guillermo Kraft, 1957.

BREZZO, Liliana. La Argentina y la organización del Gobierno Provisorio. La misión de José Roque Pérez. *Historia Paraguaya*, Assunção, n. 39, p. 289-290, 1999.

BURTON, Richard Francis. *Letters from the Battle-fields of Paraguay*. Londres: Tinsley Brothers, 1870.

CAMPOBASSI, José S. *Mitre y su época*. Buenos Aires: Eudeba, 1980.

CARDOZO, Efraím. Hace cien años. *La Tribuna*. Asunción, v. XII, n. 49-51; 96-98, 1967-1976.

CARRANZA, Sienra. Respecto del Paraguay. Notas sobre el decenio 1870-1880. *Cuadernos Republicanos*, n. 10, p. 130-133, 1975. Originalmente publicado em 1880.

CORRESPONDÊNCIA (Asunción, 7 ago. 1869). *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 21 ago. 1869.

CORRESPONDÊNCIA (Caraguatay, 28 ago. 1869). *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 set. 1869.

CORRESPONDÊNCIA (Caraguatay, 28 ago. 1869). *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 set. 1869.

DAVIS, Arthur. *Martin T. McMabon. Diplomático en el estridor de las armas*. Asunción: Imp. Militar, 1985.

DECOUD, Hector Francisco. *Los emigrados paraguayos en la guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Rosso, 1930.

DECOUD, Hector Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional, 1869-1880*. Asunción: H. Kraus, 1925.

DÍAZ, Antonio. *Historia política y militar de las repúblicas del Plata*. Montevideo: Imprenta Comercial, 1878.

DORATIOTO, Francisco. *La política del Imperio del Brasil en relación al Paraguay, 1864-1872*. In: RICHARD, Nicolás; et al. *Les Guerres du Paraguay aux XIXe et XX Siècles*. Paris: Colibris, 2007.

DORATIOTO, Francisco. La rivalidad argentina-brasileña y la reorganización institucional del Paraguay. *Historia Paraguaya*. Assunción, n. 37, 1997.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FLORENTIN, Carlos Gómez. *El Paraguay de la post-guerra, 1870-1900*. Asunción: El Lector, 2010.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Paz com o Paraguai depois da guerra da Tríplice Aliança*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957.

GODOI, Juansilvano. *El baron de Río Branco. La muerte del mariscal López*. El concepto de la patria. Asunción: Talleres Nacionales, 1912.

IMPORTANTES notícias del Paraguay. *La Nación Argentina*, Buenos Aires, 8 abr. 1869.

JOHANSSON, María Lucrecia. *Soldados de papel. La propaganda en la prensa paraguaya durante la guerra de la Triple Alianza (1864-1870)*. Cádiz: Ayuntamiento de Cádiz, 2013).

LA REPUBLICA DEL PARAGUAY. *Manifiesto del Gobierno provisorio*. Asunción, 1869.

MARESMÁ, Gladis Fois. *El periodismo paraguayo y su actitud frente a la guerra de la Triple Alianza y Francisco Solano López*. Albuquerque, 1970. Dissertação (Mestrado em História) - University of New Mexico.

McMAHON, Martin. The War in Paraguay. *Harper's New Monthly Magazine*, v. 40, p. 633-647, abril 1870.

O'LEARY, Juan E. El saqueo de Asunción. *La Patria*. Asunción, 1 Jan. 1919.

ONETO Y VIANA, Carlos. *La diplomacia del Brasil en el Río de la Plata*. Montevideo: Imp. El Siglo Ilustrado, 1903.

PESSOA, Manuel. *General doctor Benigno Ferreira. Su biografía, insertada en la historia del Paraguay*. Asunción: Intercontinental, 1995.

RAYMOND, Jean-François. *Arthur de Gobineau et le Brésil: Correspondance diplomatique*. Grenoble: Presses Universitaires, 1990.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. *Cartas da Campanha. A Cordilheira. Agonia de López (1869-1870)*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

VALDEZ, Wilfred [Jaime Sosa Escalada]. La guerra futura. La guerra de Chile y Brasil con la República. La Alianza - la causa común. Estudio de los hombres del Paraguay - el Triunvirato. *Revista del Paraguay*, Assunción, v. 2, n. 3-9, p. 257-260, 1892).

WARREN, Harris Gaylord. Brazil and the Cavalcanti Coup of 1894 in Paraguay. *Luso-Brazilian Review*, v. 19, n. 2, p. 221-236, 1982).

WARREN, Harris Gaylord. Journalism in Asunción under the Allies and the Colorados, 1869-1904. *The Americas*, v. 39, n. 4, p. 483-498, 1983.

WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay and the Triple Alliance. The Postwar Decade, 1869-1878*. Austin: University of Texas, 1978.

WARREN, Harris Gaylord. *Rebirth of the Paraguayan Republic. The First Colorado Era, 1878-1904*. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1985.

WASHBURN, Charles Arnes. *History of Paraguay*. New York: Lea and Shepard, 1871.

WHIGHAM, Thomas. Building the Nation While Destroying the Land: Paraguayan Journalism during the Triple Alliance War, 1864-1870. *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, v. 49, p. 157-180, 2012.

WHIGHAM, Thomas. *La guerra de la Triple Alianza, Danza de muerte y destrucción*. Asunción: Santillana, 2012.

ZUBIZARRETA, Carlos. Asunción saqueada por las fuerzas aliadas. *La Tribuna*. Asunción, 19 dez. 1965.

